



Estudos Ibero-Americanos

ISSN: 0101-4064

eia@pucrs.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio  
Grande do Sul  
Brasil

Rodrigues Fuão, Juarez J.

Carlos María Ramírez sai em defesa de José Artigas: da crítica à (re)construção do herói oriental

Estudos Ibero-Americanos, vol. 35, núm. 2, julio-diciembre, 2009, pp. 37-58

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=134615890003>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

**Carlos María Ramírez sai em defesa  
de José Artigas:  
da crítica à (re)construção do herói oriental**

**Carlos María Ramírez  
defends José Artigas:  
from criticism to the eastern  
hero reconstruction**

Juarez J. Rodrigues Fuão<sup>1</sup>

---

**Resumo:** O artigo analisa a obra *Juicio Crítico del Bosquejo Histórico de la República Oriental del Uruguay por el Dr. D. Francisco A. Berra*, escrita por Carlos María Ramírez, e o papel do intelectual na construção idealizada de José Artigas. Publicada no ano de 1882, período marcado pelo intenso debate acerca do passado uruguaio, tal obra participou do processo de reabilitação da imagem do líder independentista, caracterizando-o como o grande libertador e o *Precursor da Nacionalidade Uruguaia*.

**Abstract:** The present article examines the book *Juicio Crítico del Bosquejo Histórico de la República Oriental del Uruguay por el Dr. D. Francisco A. Berra* written by Carlos María Ramírez and the role of the author in the construction of José Artigas idealized image. Published in 1882, a period represented by the intense debate about the Uruguayan past, this work participated in the image rehabilitation process of the independentist leader characterizing him as a great Uruguayan Nationality Precursor and rescuer.

**Palavras-chave:** Historiografia; Artigas; Identidade Nacional.

**Key words:** Historiography; Artigas; National Identity.

---

<sup>1</sup> Professor da Fundação Universidade de Rio Grande, FURG, RS, Brasil. E-mail: jfuão@hotmail.com

O início da década de 1880 acarretou em intenso debate acerca da própria nacionalidade uruguaia, representando um momento fundamental para o desenvolvimento e o amadurecimento historiográfico do país, de acordo com a visão conceitual do período final do século XIX. Nesse sentido, já na década anterior, os escritores políticos daquela geração *setentista* possuíam duas grandes preocupações: a criação de uma sociedade que pudesse se identificar e ser identificada como nacional por intermédio de uma integração do corpo social e, a outra, encontrar um caminho rápido e sustentável para o progresso e a modernização da sociedade. A primeira preocupação estava diretamente ligada à necessidade de propor à nação uma história própria e seus simbolismos. (ROCCA, 2000, p. 244)

A tomada de poder pelos militares<sup>2</sup>, ainda na década anterior, pôs em evidência a necessidade de se buscar novos caminhos que os afastassem dos tradicionais conflitos internos. Esse contexto, pautado pela mudança, atingiu diretamente a forma de se conceber o passado uruguaio. A relativa pacificação política das últimas décadas do século XIX, mesmo que sob um governo militarista, proporcionou um ambiente favorável para se repensar a própria identidade nacional, sua gênese e seus respectivos *heróis*. Dessa forma, um primeiro *imaginário nacionalista* se desenvolveu em consonância com os primeiros movimentos modernizadores sob a égide capitalista e as necessidades de adaptação aos acontecimentos externos. Esse contexto teria dado origem à geração intelectual que buscou afirmar a nacionalidade, em contraposição à anterior tentativa *integracionista*. Desse novo grupo, surgiram nomes como Francisco Bauzá, Carlos María Ramírez, Zorrilla de San Martín, entre outros, que extraíram do passado histórico as raízes da *orientalidade* e promoveram um caminho ideológico *nacionalista*, caracterizado, entre outras coisas,

<sup>2</sup> No ano de 1875, o coronel Lorenzo Latorre liderou uma rebelião militar pondo fim ao governo do Presidente José Eugenio Ellauri Obes, do Partido Colorado, o qual fora eleito no ano de 1873. No período militarista, o país passou por algumas mudanças políticas e econômicas estruturais. Com o Código Rural de 1876, o campo sofreu uma tentativa de melhor organização e controle, embasada em leis e policiamento. Política e militarmente, o Estado Nacional se fortalece, refletindo em ações mais concretas de modernização nas áreas da educação primária, transportes e comunicação. Cf. YAFFÉ, 2003, p. 328-331.

pelo fortalecimento de fronteiras econômicas e sociais com os países vizinhos. (CAETANO, 1992, p. 82-84)

Fundamentalmente, a partir dos primeiros anos da década de 1880, o discurso dos intelectuais argentinos se constituiu em um dos alvos preferidos do setor uruguaio empenhado na recuperação da imagem de José Artigas<sup>3</sup>. Ao mesmo tempo, no qual se partia para a construção de uma representação heróica sobre o personagem, dava-se o processo que negava qualquer caráter científico, histórico ou de “veracidade” aos autores contrários ao movimento de reabilitação. Seria o momento de direcionar maior foco às interpretações nacionais em detrimento daquelas já conhecidas e consideradas injustas

<sup>3</sup> Alcinchado de “*Jefe de los Orientales*” e “*Protector de los Pueblos Libres*”, José Gervasio Artigas (1764-1850) foi um dos principais personagens da guerra de emancipação política das colônias hispânicas, iniciada a partir de 1810. Nascido na cidade de Montevidéu, Artigas lutou contra o domínio da Coroa Espanhola, o unitarismo representado pelas elites montevidéanas e, fundamentalmente, em oposição à política proposta por Buenos Aires. Propôs, através do rompimento com a administração colonial, a criação do “*Sistema de los pueblos libres*”, um organismo independente de Buenos Aires e mantenedor da soberania dos povos que a ele resolvessem se integrar. Tal projeto, ou “*Liga Federal*”, teria como base a instalação de um governo republicano de caráter federalista, incluindo, em primeira instância, as províncias de Córdoba, Santa Fe, Entre Ríos, Corrientes, Misiones e Provincia Oriental. Um dos episódios mais comentados historiograficamente, acerca da atuação de José Artigas na batalha pela independência dos povos sob sua tutela, ocorreu em outubro de 1811. Nessa ocasião, o vice-rei do Rio da Prata, Francisco Javier Elío, assinou com o governo de Buenos Aires um armistício que, entre outras resoluções, determinava o fim do cerco de Montevidéu, liderado por Artigas, e a desocupação da Banda Oriental até o Uruguai e a devolução, ao controle espanhol, dos povos da China, Gualeguay e Gualeguaychú, localizadas em Entre Ríos. De acordo com Abadie, Artigas liderou a retirada de mais de 4 mil pessoas das margens de San José até o Norte do território. (Cf. ABADIE, 2001, p. 79-83). Além de uma proposta republicana e federativa, José Artigas propunha, entre outras coisas, a instalação de um governo federal não sediado em Buenos Aires, liberdade civil e religiosa e a elaboração de uma carta constituinte própria a cada província. De acordo com o andamento prático e teórico de seu projeto político, a fileira oposicionista foi aumentando, somando-se a ela parte da classe proprietária rural montevidéana e os interesses econômicos e políticos lusos. Tal situação agravou-se, em 1815, com a criação do “*Reglamento Provisorio para el fomento de campaña y seguridad de sus hacendados*”, documento de conotação amplamente revolucionária, a qual sancionava a divisão de parte das terras e confisco das propriedades dos emigrados, as quais deveriam ser distribuídas entre “*negros libres, los zambos de esta clase, los indios, los criollos pobres y las viudas*” (PARÍS DE ODDONE, 2001, p. 79). Seu último grande adversário foi Francisco Ramírez, governador da província de Entre Ríos, o qual se aliou ao governo de Buenos Aires para enfrentá-lo. Assim, perseguido por vários grupos políticos locais e estrangeiros, caso da Coroa Portuguesa, José Artigas partiu para o exílio no ano de 1820, em terras paraguaias, onde passou o restante de sua vida, vindo a falecer com 86 anos de idade.

com o *herói*. Tal intenção já encontrava respaldo nos mais variados grupos de intelectuais do país, como, por exemplo, pelo periódico católico *El Bien Público*, ainda no início da década de 1880:

Entre tanto, creemos perfectamente sensato, aun más, altamente patriótico é indispensable, ceñirnos al criterio uruguayo; dar pos establecida la gloria de nuestro Artigas mientras no se demuestre acabadamente lo contrario, mientras los cargos que los Sarmientos y los Berras y los Mitres, todos ellos argentinos, formulan contra Don José Artigas, sean, como son, romances tradicionales ó investigaciones trucas ó desprovistas de toda filosofía histórica, de todo estudio de la época en que los sucesos se desarrollan, de toda ilación ó trabazón época y época. (*El Bien Público*, 12/05/1883. Artigas. p. 1)

Dentro desse latente movimento de recuperação da imagem de José Artigas, **Carlos María Ramírez**<sup>4</sup> pode ser considerado com um dos principais precursores no processo de deslegitimação da antiga *leyenda negra*<sup>5</sup> imputada ao personagem. Publicado no ano de 1882, seu *Juicio Crítico del Bosquejo Histórico del la República Oriental del Uruguay por el Dr. D. Francisco Berra* trouxe ao debate algumas das características básicas que norteariam boa parte das representações sobre Artigas elaboradas nas décadas seguintes. Como o próprio nome do livro denota, o autor buscou esclarecer, sob uma forma pessoal e crítica, alguns pontos polêmicos apresentados pela

<sup>4</sup> Nascido no Rio Grande do Sul, Carlos María Ramírez (1847-1898) foi importante ensaísta, narrador e legislador no Uruguai. Fundador do periódico semanal *La Bandera Radical*, folha politicamente desvinculada dos partidos tradicionais, também foi redator do diário *El Siglo* e do *La Razón*, ambos de Montevideú. Egresso de uma curta passagem pelo Partido Colorado, participou da organização do Partido Constitucional e da associação fomentadora da educação Sociedad de Amigos de la Educación Popular.

<sup>5</sup> A *leyenda negra* foi uma representação discursiva, presente em boa parte do século XIX, destacada por representar José Artigas de forma negativa: um anárquico, sanguinário, representante da “barbárie indígena”, bandoleiro, traidor, contrabandista, torturador, egoísta, etc. “Artigas es presentado como el villano de la historia, el anti-héroe, o bien, más adecuado a nuestros fines, el anti-nación: anarquista, matrero y contrabandista, transgresor de leyes y costumbres” (PIAZZA, 2001, p. 65). Essa representação teria começado justo na época de atuação do líder, através de decretos como o de Posadas (o qual colocava a “cabeça de Artigas” a preço), prosseguindo com o folheto elaborado por Cavia, e memórias de alguns viajantes daquele período, como Dean Funes e W. Robertson. Na historiografia, encontrou respaldo em autores como Bartolomé Mitre, Luis Dominguez, Francisco Berra, Vicente Fidel López e Domingo Faustino Sarmiento.

obra de Francisco Berra<sup>6</sup>, questionando desde as interpretações feitas pelo autor como, também, as próprias fontes manipuladas.

O *Bosquejo Histórico de la República Oriental del Uruguay*, de Berra, durante três décadas se constituiu no principal livro para o ensino da história nacional. Representava o nascimento da nacionalidade como algo imposto, pela diplomacia estrangeira, aos *orientais*. Em suas páginas, José Artigas ocupa um espaço relevante, porém, carregado de defeitos, como alto personalismo, incapacidade militar, fomentador de discórdias, despótico, orgulhoso e ambicioso, uma liderança que teria explorado a fome e a miséria presente nos acampamentos populares em favor “*de sus proyecto*”, queria “*imponerse por el terror*”. (BERRA, 1881, p. 1811). Caracterizou o General com uma liderança que “*anteponía á su despótica voluntad, que no sabía moderar los ímpetus violentos de su carácter, y que carecía de criterio moral para juzgar con elevación los hechos que se producían*”. (BERRA, 1881, p. 1814). Com essa representação negativa do líder, a obra de Francisco Berra se posicionava em sentido contrário ao movimento de reabilitação a qual a imagem de José Artigas atravessava no último quartel do século XIX e início do XX.

Segundo Pivoto:

De la resistencia contra la invasión portuguesa el personaje sale a través de estas páginas sin heroísmo y la grandeza que ya en 1865 no se discutía entre nosotros. Un sentimiento de piedad anima al autor del “Bosquejo” cuando dice que “Artigas fue tan digno de lástima en su ostracismo como funesto en su vida pública, y no parece sino que en el resto de sus días se consagró a purificarse de las negras e indelebles manchas de que le acusa la historia. (PIVEL DEVOTO, 2004, p. 111-112)

De acordo com González Laurino, a obra criticada por Ramírez foi, por si só, polêmica, fazendo parte de um momento no qual os esforços intelectuais se dirigiam para a formação de um universo simbólico de domínio estruturado sobre a definição nacional. Assim, *El Bosquejo Histórico de la República Oriental del Uruguay* trouxe uma narrativa discordante e influente na harmonia da história nacional. Entre

<sup>6</sup> Nascido em Buenos Aires, Francisco Berra (1844-1906) teve sua formação intelectual no Uruguai. Foi advogado, educador e jornalista.

projetos comunitários, minimamente em consenso, divididos ou abandonados, a construção do nacional surge como uma estrutura simbólica constantemente problematizada e em processo de permanente reformulação. A controvérsia entre Carlos María Ramírez e Francisco Berra “*ilustra esta gestación conflictiva del relato de los orígenes nacionales, que nunca pudo proyectarse como imagen monocorde de respaldo unánime*”. (GONZÁLEZ LAURINO, 2001, p. 137)

Num primeiro momento, Ramírez buscou descaracterizar o que para ele seria uma obra corrompida em sua origem, pois essa nova edição<sup>7</sup> não teria se desenvolvido livremente, carregando um fardo constituído pelas publicações anteriores: “*No es un edificio nuevo, sino un edificio refaccionado con materiales deficientes y segun planos parcialmente elaborados*”. (RAMÍREZ, 1882, p. 7)

De uma forma bastante direta, o autor começou questionando a própria essência do escrito de Berra, apresentado como uma obra mantenedora de sensibilidade “quase infantil” pode estar aliada à intencionalidade de elevar-se às áreas da filosofia:

Seria muy difícil, además, determinar cuál es el carácter que ha venido á tomar el libro del Dr. Berra, después de las evoluciones geológicas

<sup>7</sup> *El Bosquejo Histórico de la República Oriental del Uruguay* teve sua primeira edição publicada no ano de 1866, seguida de mais três reedições revisadas e ampliadas. Tais modificações foram impostas, principalmente, por preceitos pedagógicos, demonstrando, assim, um dogma fundamental que delineava a história como sendo uma disciplina que deveria ser encarada com critério filosófico e intuito moral. De acordo com Oddone, Francisco Berra afirmou que o fim prático da história não era satisfazer a curiosidade, nem, tão pouco, exaltar o sentimento patriótico, como muitos queriam, mas, sobretudo, servir de guia à futura conduta dos homens, revelando quais são os efeitos causados por determinados feitos verificados em determinadas circunstâncias. Durante o *Bosquejo Histórico*, aparecem “*la resonancias de Macaulay (Historia de Inglaterra) a través de López que, a sua vez, se remite a Tucídides, Salustio y Tácito. Fiel a las influencias positivistas, a las que fue sensible como educador y pedagogo, Berra se apegaba a un principio de sucesión necesario y fatalista de la vida histórica admitiendo – al modo de su tiempo – la formulación de leyes que rijan esas relaciones aplicables a la sociedad humana como reglas de conducta (...) El Bosquejo – por contraste negativo – fue el espaldarazo de una nueva conciencia histórica que por vez primera sugiere una visión orgánica del pasado, sobre bases eruditas y críticas, con los trabajos de Fregeiro y Bauzá (...) Apagados los ecos de las retóricas lecciones del Bosquejo, silenciadas las voces críticas que se alzaron en su contra, el saldo de su obra, la ‘lección’, perdurable de su libro es negativa. Si algo enseñó desde el punto de vista historiográfico, lo hizo con la ejemplificación de una forma errónea de concebir la historia. Y su paradójica lección, arrojó resultados saludables en cuanto superación de las excentricidades de una escuela y de un modo de pensar que Croce sin miramientos al limbo de la ‘pseudo-historia’.*” (ODDONE, 1959, p. 15-17)

que lo dejan en su estado actual. ¿Es un libro didáctico, como tuvo la aspiración de serlo en sus primeros sedimentos? ¿O ha pasado á ser un libro de filosofía histórica? (RAMÍREZ, 1882, p. 7)

Ramírez criticou o que considerava de incapacidade de Berra em promover uma obra fundamentalmente de cunho historiográfico, enfatizando que esse autor teria uma inteligência exclusivamente analítica e que, por isso, poderia alcançar resultados satisfatórios em trabalhos relativos às leis ou à pedagogia, não se adaptando às práticas criadoras do verdadeiro historiador. Para o crítico, o amor nacional deveria iluminar os estudos históricos para que fossem, com isso, verdadeiramente imparciais.

Faltariam, ainda, na narrativa do *Bosquejo*, os “músculos” e os “nervos” responsáveis por animar a reprodução do passado e a filosofia superior que a condensa, em fórmulas gerais, no ensino. Assim, segundo o crítico:

En vez de apreciar los sucesos y los personajes en el conjunto de la acción, en el mismo medio en que se agitan, con el criterio que resulta de las ideas, pasiones y necesidades de cada época, hace correr cada suceso por cuerda separada, en un orden mental admirable; y forma á cada personaje un expediente parra fallar su causa según el efecto retroactivo de las ideas morales y políticas que ocupan actualmente las casillas de la inteligencia del juez. (RAMÍREZ, 1882, p. 10)

No que se refere a Artigas, Ramírez acusa Berra de proposadamente combater todas as idolatrias históricas que exaltavam os *orientais*. Sendo assim, o autor de o *Bosquejo Histórico* não nutria simpatia pela figura do líder, tornando-o a principal vítima dos seus escritos. Ainda de acordo com o autor, Francisco Berra carregaria um propósito preconcebido ou, ainda, uma paixão qualificada como rancorosa, capaz de omitir e/ou distorcer os acontecimentos e os testemunhos com o intuito de legitimar a sua narrativa: “*escribir para falsificar la historia!*”. (RAMÍREZ, 1882, p. 35-36) Enfim, enfatiza ser esse um livro de polêmicas e de ataque aberto a um sentimento coletivo que, no momento, chamar-se-ia de “sentimento nacional”.<sup>8</sup>

<sup>8</sup> Segundo Laurino, Berra buscou desautorizar as versões apologéticas que concebiam o relato do passado como um exercício de devoção patriótica, com isso, tal indiferença perante o sentimento nacionalista o excluiu das demandas mais recorrentes no seu tempo, situando-o em



Exatamente tal capacidade, delineada no livro de Berra, de se afastar do sentido patriótico, tão em voga a partir das últimas décadas do século XIX no Uruguai, constituiu-se em um dos pontos atacados por Ramírez em *Juicio Crítico*. Aquele autor estaria negando um rol de importantes tradições apresentadas pela história do povo *oriental*. Toda essa forma negativa de se conceber o passado da nação deveria ser transformada em algo positivo, despertando-a para o estudo de temas relacionado à sua história. Com esse pensamento, Ramírez encontrou uma utilidade concreta para um livro considerado imperfeito, recheado de contradições e incompatível com a história do país.

O próprio conceito negativo de “barbárie” apresentado por Francisco Berra em seu *Bosquejo* ganhou atenção na crítica do autor. Segundo este, a chamada “*barbárie indígena*”, a qual estaria representada por Artigas, também teria sua missão e suas glórias no

---

um setor que o próprio autor denominava de imparcial, alheio à inquietude patriótica de sua geração. Relata, ainda, a autora: “*Sin embargo, la militancia antipatriótica en pos de la verdad no lo aleja de su contexto social, político y filosófico, por lo que su historia también se sitúa, pedagógicamente, como instrumento de ilustración de los nuevos ciudadanos. Siguiendo las coordenadas civilizatorias de su tiempo, su propuesta pretende formar la conciencia moral de los ciudadanos a partir del juicio histórico de los acontecimientos y los actores que los protagonizaron en el pasado.*” Concebendo a interpretação patriótica do passado como uma “*abominable arbitrariedad*”, por intermédio de seu discurso, Berra não buscava a coesão nacional em torno de símbolos tradicionais e identitários, mas a identificação do leitor com princípios políticos formadores da ética do cidadão em contraposição às práticas excessivas das lideranças caudilhas e rurais. Para Laurino, o conceito da história do Uruguai, seguido por Francisco Berra, é visto como “*un camino unidireccional, ascendente de progreso social, donde las sociedades americanas del pasado – y también de su presente – aparecen como experiencias históricas primitivas llamadas a la perfección política y social según el modelo civilizatorio propuesto por Europa y Estados Unidos. Encadenando la interpretación histórica a la inexorabilidad determinista de las ciencias naturales, el historiador se constituía en experto pedagogo del progreso humano*”. (GONZÁLEZ LAURINO, 2001, p. 134-135) O *Bosquejo Histórico* desqualificava qualquer comportamento sócio-político marginal, considerando-o como sendo um produto da barbárie e do despotismo. Com esse intuito, separava em grupos distintos os considerados como “unitários ilustrados de Buenos Aires e províncias” dos que pertenceriam às “classes bárbaras”, bem como, também distinguia os federais das “classes cultas” do federalismo dos “bárbaros e selvagens” do Rio da Prata. Por intermédio, essa imagem negativa construída sobre o federalismo artiguista, o autor o representava como um obstáculo para a organização nacional revolucionária dirigida pelo patriciado porteño. Bem de encontro a essa idéia, Carlos María Ramírez preferia valorizar os atores e os espaços sociais, os quais Berra caracterizava como cenários de ignorância e indisciplina revolucionária. Cf. GONZÁLEZ LAURINO, 2001, p. 139-140.

mundo: “*Cuántas veces ella ha guardado en su seno los gérmenes de la civilización futura, el porvenir de la humanidad, en pugna con los elementos más cultos de las civilizaciones caducas!*”. (RAMÍREZ, 1882, p. 101-102) Sob essa alegação, o autor do *Juicio* incorporou uma classe, até então, considerada, no discurso de Berra, um entrave ao movimento independentista platino, em um grupo constituinte do movimento, embora sob a tutela e a liderança do caudilho oriental.

De maneira bem mais pontual, Carlos María Ramírez critica o que fora a omissão de dois assuntos fundamentais para a construção de uma obra como o *Bosquejo*: o primeiro, uma atenção ao fator geográfico, ao território no qual aconteceram os episódios, pois, além na forte influência do meio sobre o movimento histórico dos países, considerava de grande importância a disputa geopolítica ocorrida na região; já o segundo, um estudo aprofundado sobre a procedência, os costumes, as instituições e a civilização que os descobridores e os povoadores trouxeram para o novo território.

Além de amearhar essas ausências citadas, o autor criticou, da mesma forma, o não estudo sobre a origem das vilas e das cidades do país que, para ele, haviam sido fundadas pela imposição da dupla luta dos habitantes contra os indígenas e os portugueses. A esse clima adverso se supõe a causa fundamental que teria dado procedência ao consistente e impetuoso “espírito coletivo” da sociedade local. Nota-se, com esse pensamento, toda uma determinação do ambiente sob a formação do caráter e da identidade *oriental*.

Nesse contexto em franca efervescência, Artigas teria cumprido um papel vital ao lado da população simples do campo:

Necesários fueron los caudillos de las condiciones de Artigas, de Rivera y del mismo Lavalleja para enrolar las masas campesinas en los propósitos grandiosos de la Revolución, haciéndolas concurrir como fuerzas enérgicas de una renovación social que si á menudo contrariaron con las manifestaciones desordenadas de su naturaleza semi-bárbara, alguna vez también supieron empujar en el sentido de las mas grandes fórmulas democráticas por sus resistencias instintivas á las preocupaciones patricias y á los excesos centralitas de una metrópoli absorbente. (RAMÍREZ, 1882, p. 18)

A aversão à figura de Artigas que supostamente o *Bosquejo Histórico*, escrito por Francisco Berra, apresentava aos leitores foi

abertamente denunciada por Ramírez em seu *Juicio Crítico*. Denominou essa postura como sendo verdadeiros ataques à idolatria de Artigas, onde o autor teve que ocultar e adulterar os acontecimentos para alcançar tal resultado. Resumido por ele mesmo, sentenciou em poucas palavras o trato despendido a Artigas: “*Todos los historiadores argentinos, porteños mejor dicho, se han detenido ante ella para maldecirla y lapidarla.*” (RAMÍREZ, 1882, p. 24)

Tal imagem negativa sobre o General Artigas traria bastante resquício dos documentos contemporâneos ao personagem, principalmente os editados por seus inimigos. Como exemplo desse vestígio, citou o panfleto de Don Pedro Feliciano de Cavia, publicado no ano de 1818 e considerado, para Carlos María Ramírez, a fonte mais utilizada pelos detratores de Artigas. Seguindo essa tendência, o estilo encontrado neste registro estaria presente na obra de Francisco Berra.

Em contrapartida, o crítico se exime de pertencer ao setor glorificador do *herói*, buscando em seu parentesco subsídios que pudessem comprovar que seus antepassados estiveram tradicionalmente ligados aos inimigos de Artigas. Segundo o próprio, seu trabalho era dedicar-se com atenção ao estudo dos acontecimentos como base para a formulação de sua visão crítica. Analisando tal exposição do autor, nota-se que essa condição é apresentada como um fator preponderante para que ele pudesse examinar o passado do personagem sob uma forma imparcial.

Se por um lado Ramírez<sup>9</sup> coloca-se como possuidor de todas as condições para analisar de modo justo a figura de Artigas, como

<sup>9</sup> No ano da inauguração do monumento a José Artigas na Praça Independência, em fevereiro de 1923, o primeiro número do periódico *El Correo e la Campaña* publicou um texto, denominado *¿Qué es Artigas?*, sob a alcunha de Carlos María Ramírez. Como o autor faleceu em 1898, tal escrito se constitui em uma reprodução antiga de Ramírez ou, ainda, de outro autor contemporâneo à época, o qual possivelmente utilizou o seu nome como pseudônimo. Embora o texto se refira à inauguração de um monumento, é importante salientar que décadas antes da inauguração já existia a intenção de se erguer uma obra a Artigas em uma praça montevideana. Exporemos o principal trecho do artigo, no qual o autor destaca o pioneirismo do personagem contra o domínio europeu na região e o seu reconhecimento pós-morte: “*Es Artigas, el primer campeón de los orientales contra la dominación española. Es Artigas, el primer campeón de los orientales en la resistencia armada a las ambiciones de la monarquía.* (...) *Es Artigas, le único*

seus feitos, esse autor também tratou de mostrar outro lado interpretativo protagonizado por autores também uruguaios, porém, distinto, pois tratavam o personagem sob um caráter essencialmente apoloético, portanto, despido do cunho meramente analítico buscado pelo autor. Assim, classificou as obras dos escritores De María, Bauzá e Pereira. Importantes na redenção do personagem em questão, porém demasiadamente preocupados com essa nova forma de concepção do *herói*.

No terceiro capítulo do *Juicio Crítico*, o autor uruaio contradiz abertamente a versão historiográfica que caracterizava o General Artigas como um militar vingativo, cruel, sanguinário e capaz de promover atrocidades ao longo de suas campanhas. Tal característica, segundo ele, foi deliberadamente explorada ao escrever o *Bosquejo Histórico*, quando, em nenhum momento, Berra teria admitido a hipótese de haver exageros nos testemunhos dos inimigos – ou não – de Artigas, pois que os cenários sangrentos seriam os que mais impressionariam a imaginação dos povos.

Cobrou, ainda, uma maior “humanização” ou “civildade” ao personagem exposto no livro:

Hay exceso de sombras en los cuadros que nos presenta el Dr. Berra. Serian más humanos, y por consiguiente más verídicos, si hubiese en ellos más variedad de tintas y menos monotonía de acción. Parecen demasiado glotones los tigres carniceros de Artigas; desearía uno verlos alguna vez en reposo, o acariciando mansamente á sus cachorros. (RAMÍREZ, 1882, p. 28)

Enfatizou que o autor Berra, sob o intuito de sustentar toda uma imagem negativa do General Artigas, narrou esse personagem, sobretudo, como uma figura implacável, feroz, bárbara e sem qual-

---

*guerrero de la independencia del Río de la Plata, que jamás disfrazó sus sentimientos con la hipocresía del homenaje tributado a Fernando VII, ni tuvo una sola hora de vacilación y cobardía en la profesión del dogma republicano. Es Artigas, el fugitivo, el proscrito, el mendigo, el ex comulgado por las cóleras patricias, el gran calumniado de la historia de América, el héroe infortunado cuya póstuma glorificación será perdurable estímulo de las abnegaciones patrióticas que solo alcanzan de los contemporáneos la ingratitud, el insulto y el martirio. Ante su estatua ecuestre, los cuerpos del ejército nacional presentarán las armas, – el pueblo inclinará la cabeza y los niños cantarán el himno de la patria... Gloria Victis! Carlos María Ramírez. (Correo de la Campaña, 28/02/1923, p. 01)*

quer limite. Sob esse sentido, o escritor teria omitido alguns acontecimentos fundamentais que, por suas ações, negariam todo esse conceito depreciativo do *herói*, por não fazer referência ao que seria um tratamento justo, despendido pelo General aos seus inimigos de guerra, no acampamento de Purificación. Apresentando essa diferença entre a imagem negativa, proposta por Francisco Berra, e os documentos que provariam o contrário, que Artigas teria realmente poupado muitas vidas e tratado com respeito seus adversários, Ramírez fez as seguintes indagações aos seus leitores: “¿Por qué respetó esas vidas el formidable caudillo? ¿Por deber? ¿Por generosidad? ¿Por astucia?”. Agindo assim, estaria Berra “calando os acontecimentos”. (RAMÍREZ, 1882, p. 30)

De acordo com Demasi, Carlos María Ramírez destacou-se por liberar Artigas daquelas acusações que o taxavam como um líder cruel e revoltoso. Dedicando várias linhas à tarefa de negar-lhe tal conceito negativo, demonstrou, ao mesmo tempo, comprometimento na deslegitimação da imagem de “caudilho anarquista” imputada ao personagem, amplamente desfavorável para um país que havia sofrido grandemente com constantes conflitos e guerras civis durante toda a sua formação. Assim, Ramírez destacou o caráter institucionalista da obra de Artigas, especialmente o projeto de constituição federal. (DEMASI, 2001, p. 346)

A suposta “intransigência” atribuída a Artigas por Francisco Berra, a qual teria contribuído para o rompimento de 1814 entre Artigas e Buenos Aires,<sup>10</sup> também foi outro ponto amplamente debati-

<sup>10</sup> Sobre tal rompimento, afirma París de Oddone: “*El enfrentamiento entre Artigas y Buenos Aires fue haciéndose más tenso. Si bien la acusación de ‘traidor de la patria’ formulada por el Director Sarratea había sido pronto desvirtuada, la reacción antipopular de los grupos dominantes porteños a partir de 1814 ahondó las diferencias. La lucha no tardó en convertirse en guerra civil, Buenos Aires proclamaba cada vez más abiertamente los principios sagrados del orden: ‘todo es mejor que la anarquía’ era el lema porteño. En la imposibilidad de controlar al país entero, aquellos grupos no dudarán en buscar una cabeza coronada o en pactar con el portugués, para aniquilar a los ‘facciosos saqueadores’ que encabezaba José Artigas (...) La noche del 20 de enero de 1814, Artigas se retira del campo sitiador considerando que toda fórmula de acuerdo con los dirigentes de Buenos Aires era a esta altura imposible. Buenos Aires, una vez más lo declara traidor a la patria, le retira sus empleos y ahora pone precio a su cabeza.*” (PARÍS DE ODDONE, 2001, p. 74)

do por Ramírez em seu livro. Segundo ele, todos os acontecimentos anteriores deveriam ter sido mais bem esclarecidos, visando um julgamento mais justo das diversas negociações de paz que o antecederam. Ao criticar tal postura de Berra, Carlos María aproveitou para novamente atacar a forma com que o autor concebia e escrevia a história:

De todas ellas, que fueron numerosas, solo son prolijamente conocidas las que presentan á Artigas culpable de huraña intransigencia: y esas, – cuanto se esmera el Bosquejo en ponerlas de relieve, como el abogado que cifra su ambición en evidenciar los puntos débiles del alegato contrario! – No me detendré á censurar esa manera de escribir la historia; pero sí diré que, aun en ese terreno, habría el derecho de exigirle al historiador que fuese fiel á la verdad de los hechos, para no cargar con pesas falsas la balanza de sus acusaciones inflexibles. Es una pesa falsa. (RAMÍREZ, 1882, p. 43)

Uma suposta intenção de Berra na construção da imagem de um Artigas como sendo um “*caudillejo local*”, caracterizado como um personagem que não possuiria outro meio de ação que não estivesse associado ao uso desenfreado da violência, foi denunciada por Ramírez em seu *Juicio*. Contrariando essa idéia de que Artigas teria dominado os *orientais* através do terror e do uso da violência às populações de Entre Ríos e Corrientes ou, ainda, de Santa Fe, o autor desse livro lança a seguinte indagação: *¿como se explicaria la popularidad de Artigas en la lejana y docta Córdoba, donde jamás aparecieron sus hordas, y que lo aclamó Protector, votándole el presente de una espada, con inscripciones pomposas, que cualquiera puede ver en el Museo Público de Montevideo?* (RAMÍREZ, 1882, p. 93-94)

A invasão da monarquia portuguesa sobre o território *oriental* no ano de 1816 foi considerada para Ramírez como o momento decisivo na vida de Artigas e o principal acontecimento propulsor do que denominou de “catástrofe” de 1820. Esse fato teria, primeiramente, abalado e, mais tarde, acabado com todo o poder material desse líder. No entanto, todo esse contexto teria elevado seu prestígio junto à maioria dos povos argentinos. A partir disso, Artigas foi considerado como um representante das autonomias locais como uma resposta às “*maniobras monarquistas*” e à cumplicidade do Congresso de Tucumán do Diretório porteño com as invasões portuguesas na re-

gião, as quais deram o pretexto necessário para o *herói* assumir as alcunhas de “paladino da democracia” e “defensor da raça”.

Além de lançar mão da reprodução de um Artigas precursor das idéias de independência, federação e república, Carlos Ramírez delineou outra representação bastante comum nos discursos idealizadores do personagem: a de um herói traído. Essa teria sido a condição e uma das principais causas da retirada de Artigas do cenário platino e que, ao longo dos anos seguintes à publicação de o *Juicio*, tornou-se freqüente nos discursos sobre o General:

El régimen federal, consignado en el Tratado de Pilar, y el PROCESO DE ALTA TRAICIÓN, en seguida instaurado, eran la victoria moral de la causa representada por Artigas, que en aquellos mismos momentos se desangraba impotente en los últimos esfuerzos contra la conquista extranjera, y debía desaparecer en breve de la escena del Río de la Plata, vencido por sus mismos aliados, cuyas ambiciones habían llegado á representar con más vivacidad y prestigio el principio instintivo ú orgánico de la federación argentina. Esas anomalías extrañas hay en nuestra historia. Artigas triunfa sucumbiendo; y el patriciado de 1819 sucumbe miserablemente mientras su bandera y su programa llegan, con la espada de San Martín, hasta los volcanes ardientes del Ecuador. (RAMÍREZ, 1882, p. 99)

Ao longo de toda essa tentativa de deslegitimar o discurso presente no *Bosquejo Histórico*, Carlos María Ramírez ressaltou raros pensamentos em comum com Berra. Entre esses, expôs o fato de que ambos eram favoráveis à noção, diferentemente dos “*apologistas orientales*” e “*detractores argentinos*”, de que Artigas jamais teria apregoadado a absoluta independência da Banda Oriental ou se considerado completamente desligado da comunidade argentina, pelo contrário, o líder teria lutado continuamente para atrair as demais províncias do Vice-Reinado ao seu sistema.<sup>11</sup>

A sólida defesa que Carlos María Ramírez elaborou, em prol da desfavorável imagem de Artigas propagada por Berra, seguiu seu

<sup>11</sup> Sobre esse aspecto, afirmou González Laurino: “*En palabras de un historiador nacionalista como Carlos María Ramírez, la afirmación del ‘unionismo artiguista’ cobra especial significación en la construcción del relato de los orígenes uruguayos, llamado a armonizar en un discurso coherente las pretensiones de unidad confederal rioplatense de un caudillo que se propone como ‘el fundador de la nacionalidad oriental’.*” (GONZÁLEZ LAURINO, 2001, p. 142)

caminho após a publicação de o *Juicio Crítico*. De forma distinta, o debate dessa vez desenvolveu-se no âmbito da imprensa, envolvendo o jornal porteño *El Sud América* e o montevidense *La Razón*, no qual Ramírez encontrou o espaço para expor suas idéias e rebater os artigos publicados pela folha argentina que retornava com muitos pontos característicos da *leyenda negra*. Como resultado de todo o debate, Carlos María Ramírez organizou seus artigos em uma única publicação, lançada no ano de 1884, denominada simplesmente de *Artigas*.

Em termos gerais, o discurso presente nas páginas de *Artigas* veio a reafirmar boa parte do pensamento já expresso em seu antigo livro. Temas anteriores como a suposta crueldade, traição ou anarquismo de Artigas, entre outros, novamente sofreram a intervenção do autor em contraposição, nessa ocasião, às palavras escritas pelo *El Sud América*. Por detrás dessa nova publicação, retornava a tarefa de desconstrução da imagem negativa, pois, nas palavras do próprio autor, “*el General Artigas fué horriblemente calumniado por los contemporáneos y por la posteridad que recogió inconscientemente sus ecos.*” (RAMÍREZ, 1915, p. 07)

Ao explicar a necessidade de tal revisão historiográfica, envolvendo uma forma positiva de se conceber o personagem, implicitamente Ramírez demonstrou a grande importância que a intelectualidade uruguaia ainda destinava ao discurso argentino. Não bastava simplesmente uma nova imagem provinda dos autores locais, era preciso autenticar, ou não, as fontes que serviriam de fundamento para a imagem de Artigas:

Que entre los numerosos documentos que han aparecido con la firma, revele afinidades de perversión, crueldad é insensatez, con el documento que se cita, pero no aparece. – Y que muchos actos notorios de la vida del gran caudillo destruyen por su misma base la fábula del sistema sangriento y feroz caracterizado por la orden neroniana que se le atribuye con todo arrojo, aun cuando nadie tiene el de afirmar que la ha visto! Y en efecto – si el terror era sistemático en Artigas, y la matanza un hábito de su naturaleza, – contra los godos, – contra los porteños, 0 contra el género humano, – ¿cómo se explica su generosidad con los prisioneros de Las Piedras, con los prisioneros de Entre Ríos, con los prisioneros de Santa Fe, con las víctimas propiciatorias de 1815 y con tantos otros? (RAMÍREZ, 1915, p. 241)



Escolher quais fontes seriam as “verídicas” se constitui em prática comum nos discursos que compõem todo um processo de construção de um *herói*; outra prática, também presente no trecho citado e bastante presente nas idealizações, é buscar no tratamento dos personagens indícios que possam descrever bons tratamentos nas relações destes com os prisioneiros de batalhas.

Segundo o autor de *Artigas*, a opinião preponderante na Argentina era radicalmente hostil à memória do líder *oriental* e que qualquer prestígio a ele imputado seria severamente julgado por esse país. Sobre essa controvérsia histórica entre Argentina e Uruguai, ele a sentenciou como dolorosa e, talvez, injustificada. Enfatizou que os vizinhos argentinos deveriam recordar a similitude entre as figuras de Artigas e de Güemes<sup>12</sup>, este, uma personalidade que estaria sendo elevado à categoria dos maiores *heróis*.

Seguindo o mesmo método de questionamento da validade da antiga *leyenda negra*, Carlos Ramírez afirmou que os argentinos estariam promovendo algo prejudicial ao sustentarem, ainda início do século XX, a mesma imagem de Artigas que anteriormente só seria benéfica à coroa portuguesa e seus herdeiros. Sobre isso, aproveitou para anunciar que também os brasileiros estariam reagindo contra essa “*falsificación de la verdad histórica*”. (RAMÍREZ, 1915, p. 120)

Por outro lado, o discurso de Ramírez ultrapassa a mera consolidação de uma nova imagem de José Artigas, passando a tratá-lo como representante de um passado que deveria servir de exemplo à nação, influenciando tanto seu presente como, ao mesmo tempo, seu futuro. Nesse sentido, o autor retoma a representação do General como precursor do movimento independentista na América, com intensa ascendência sob o pretérito argentino. Um claro propósito de estabelecer uma correspondência entre o personagem e a história do país vizinho:

En la última faz de la historia argentina, se destaca, imponente y prestigiosa, la figura del caudillo oriental. Es el iniciador y el precursor de

<sup>12</sup> Importante militar da província argentina de Salta, noroeste do país. Combateu ao lado de San Martín nas lutas de independências sul-americanas.

las descomposiciones sociales que van á transformar en democracia federativa, vivaz, incontrastable, los órganos atrofiados de un vasto imperio colonial. Es el primero que enrola y unifica á las masas campesinas del Plata bajo la bandera de la revolución; el primero que les enseña á pelear y morir por una idea en aquel combate heroico de Las Piedras que el Himno Argentino conmemora y que es una gloria indiscutible de Artigas. Bajo su influjo audaz y poderoso, se agrupan en organismo de provincia las poblaciones de la Banda Oriental, que eran elementos dispersos é inorgánicos de la antigua Provincia de Buenos Aires, como Entre Ríos, como Corrientes, como Santa Fe. (RAMÍREZ, 1915, p. 12)

Teria sido Artigas quem teria criado um elemento duradouro e sustentador da sociabilidade argentina, através das Assembléias de abril e dezembro de 1813: a representação provincial.

Mesmo não designando o General como *Fundador da Nacionalidade Oriental* em um sentido completo, nomeava-o como sendo o *Precursor* dela. O autor repetia, dessa forma, seu discurso de que Artigas jamais teria preconizado a total ruptura com a comunidade argentina, pelo contrário, afirmou na página 278 da publicação *Artigas*: “*ambicionaba la igualdad de todas las Provincias en el organismo colectivo de una federación abierta al mundo*”. Sobre o começo da trajetória do líder, afirmou: “*Artigas era todavía un modesto oficial salido del ejército español, que había ido á ofrecer su espada en Buenos Aires, cuando allí estalló la revolución de 1811, promovida por los provincianos del interior contra el espíritu dominador de la oligarquía local.*” (RAMÍREZ, 1915, p. 64)

A traição e a posterior morte no “refúgio” em “selvas paraguaias” teriam sido os últimos atos de uma vida na qual uma de suas maiores obras seria o sentimento indomável de um povo que fora, por ele, reunido para viver e expandir-se com o tempo. Assim, o exílio de Artigas em território paraguaio, mormente serviu de exemplo para atribuir características como humildade, sacrifício e abnegação ao personagem. Ramírez se apropriou desse acontecimento para divulgar o trabalho braçal, como agricultor, no final de sua vida, sendo reconhecido como o *Padre de los Pobres de Curuguayty*. Esse derradeiro ato de sua existência teria servido de consolo após anos sendo difamado pelos inimigos. Ao tratar sobre o exílio, o autor tam-

bém aproveitou para publicar um editorial do periódico *El Nacional* de setembro de 1841, o qual exaltava a figura de Artigas como precursor da liberdade *oriental*, defendendo seu retorno ao Uruguai, já que, supostamente, seus objetivos de independência e liberdade teriam sido finalmente alcançados:

“El General Artigas no puede terminar su vida desterrado. ¿Quién tiene derecho para condenarlo á este doloroso castigo? ¿Él plantó la semilla del árbol de la libertad y tiene derecho á reposar bajo su sombra. Él fue el primer caudillo de los orientales; y la justicia le marca un lugar distinguido entre sus notabilidades militares. Él fue el primero que gritó PATRIA, y cuando este sublime voto está cumplido, ¿qué buen oriental querría privarlo de la patria, prohibirle que vuelva á su hogar, negarle un sepulcro en la tierra que ilustró con sus hazañas, que regó con su sangre?” (RAMÍREZ, 1915, p. 288)

Algumas de suas principais ações, no pensamento de Ramírez, foram fundamentais para alguns dos acontecimentos futuros, como o episódio protagonizado pelos *Treinta y Tres*<sup>13</sup> ou, ainda, a pacificação entre Brasil e Argentina, a qual teria fundado, definitivamente, a *nacionalidade oriental*.

O esforço que Ramírez dispendeu em responder às acusações a Artigas, implicitamente evidenciava a preocupação em alertar que o novo conceito construído em torno do personagem se apoiaria em sólida fundamentação histórica. Conseqüentemente, de maneira bastante freqüente, elaborava um discurso no qual direcionava a comunidade uruguaia a não duvidar do processo de glorificação de sua *memória*. Ela não deveria ter receio de classificar Artigas em um patamar superior na hierarquia dos libertadores sul-americanos. Respondendo à acusação de suposta crueldade do líder, o autor escreveu:

¡Mientras los detractores de Artigas no opongan á esos hechos, que nadie niega, otros hechos concretos y debidamente comprobados, – los orientales podemos honrar la memoria del vencedor de Las Piedras con la seguridad de que no honramos en él la memoria de un degollador! (RAMÍREZ, 1915, p. 31)

<sup>13</sup> Episódio marcado pelo desembarque na Playa de La Agraciada, localizada no atual departamento uruguaio de Soriano, no dia 19 de abril de 1825, de um grupo de insurrectos liderados por Juan Antonio Lavalleja. Tal manobra visava libertar a Província do jugo imperial brasileiro.

Em contraposição a essa imagem pejorativa, que apresentava um *herói* traiçoeiro, cruel, assassino, entre outros defeitos, Carlos María Ramírez o caracterizava como propagador de uma causa *sagrada*, auxiliada por um grupo de soldados abnegados e valentes, que teriam sido liderados por um *caudilho* libertador de comunidades oprimidas.<sup>14</sup> Alguém que, segundo ele, teria se destacado heroicamente em vários momentos cruciais na formação do território platino, como, exemplo, na luta travada contra o poderio estrangeiro, representado ora pela coroa espanhola, ora contra o Império Português. Todo esse discurso que caracterizava Artigas como um ser idealista e altruísta lançava as bases para a construção de uma imagem pessoal desprovida de interesses particulares, negando qualquer forma de negociação, ou traição, pela conquista de poder na região: “*No cabía la traición en el alma del vencedor de Las Piedras.*” (RAMÍREZ, 1915, p. 207) Todo esse argumento acabava, por fim, realçando o seu valor de bondade e honestidade ante o contexto de disputas no Prata.

O sentido de evolução humana também esteve presente no discurso de Ramírez ao tratar de Artigas como um representante proeminente dos antigos *gauchos* e, mais especificamente, da classe dos *caudillos platinos*. Segundo o autor, o *ser gaucho* seria parte integrante da forma primitiva da civilização local e que, com seu avanço, teria desaparecido no tempo. Já o *caudilho*, constituía-se num organismo indispensável das massas *gauchas* em seu processo de assimilação dos hábitos de obediência legal e de liberdade política, porém, também teria passado por um movimento de extinção, devido à eliminação de suas funções para com a sociedade. Os representantes ainda sobreviventes poderiam ser classificados como “*órga-*

<sup>14</sup> Por muitos anos os estudos de Ramírez serviram de embasamento para a elevação da imagem de Artigas. No ano de 1923, o periódico *El Diario*, de Buenos Aires, retomou a publicar os discursos difamatórios à imagem heroicizada de Artigas, publicados anteriormente pelo, também portenho, *Sud América*. Reagindo a essa atitude, a folha montevidéana, *El País*, expôs em suas páginas fartos trechos da obra *Artigas*, de autoria de Carlos María Ramírez. Sobre esse autor, escreveu o periódico: “*Felizmente tenemos, en Carlos María Ramírez, la prueba de que todas esas afirmaciones contra Artigas son falsas.*” (*El País*, 05/03/1923. *El odio a Artigas – ataques injustificados*. p. 6)

*nos atrofiados de la vieja complexión social*". Sobre o papel do grupo na Revolução, afirmou Ramírez: "*Esta evolución orgánica, eliminando de la política militante al caudillaje, ha despojado de todo elemento extraño la cuestión histórica que existía á ese respecto, y los ánimos están preparados para juzgar con toda equidad su acción y su influjo en el desenvolvimiento de la Revolución*". (RAMÍREZ, 1915, p. 301)

Concluindo a obra, em poucas frases Carlos María Ramírez sintetizou quais seriam as razões para a glorificação de Artigas, apresentando as seguintes sentenças:

Es Artigas, el primer campeón de los orientales contra la dominación española.

Es Artigas, el primer campeón de los orientales en la resistencia armada á las ambiciones de la monarquía portuguesa.

Es Artigas, el primer campeón de los orientales en la defensa de su autonomía local, como pueblo que aspira á ser libre en la acción fecunda del gobierno propio.

Es Artigas, el único guerrero de la independencia del Río de la Plata, que jamás disfracó sus sentimientos con la hipocresía del homenaje tributado á Fernando VII, ni tuvo una sola hora de vacilación y cobardía en la profesión del dogma republicano.

Es Artigas, el fugitivo, el proscrito, el mendigo, el excomulgado por las cóleras patricias, el gran calumniado de la historia de América, el héroe infortunado cuya póstuma glorificación será perdurable estímulo de las abnegaciones patrióticas que sólo alcanzan de los contemporáneos la ingratitud, el insulto y el martirio. (RAMÍREZ, 1915, p. 304-305)

Dessa forma, ora rebatendo escritos abertamente desfavoráveis a Artigas, ora alçando o personagem a um patamar superior dentro do contexto independentista sul-americano, Carlos María Ramírez construiu um discurso pautado pela redenção da imagem do *herói*, desgastada, principalmente, pela historiografia argentina. Dessa forma, alcançou o reconhecimento da intelectualidade local que, através de manifestações públicas, demonstrou a importância de seus estudos para a nova imagem nacional e internacional de Artigas:

Un día, un escritor uruguayo de ilustre apellido y brillantísima pluma, Carlos María Ramírez, comenzó la difícil obra de levantar esos cargos y alzar de entre la masa de nuestros, una figura del general Artigas nueva y desconocida aún para sus compatriotas. Más tarde otros prosi-guieron la noble tarea iniciada por aquel excelso espíritu, y hoy Artigas

es venerado en esta orilla del Plata e inspira respeto en la propia patria de Vicente Fidel López y D. Bartolomé Mitre. (El País, 18/05/1922. La sombra de Artigas. p. 3)

Parte dos argumentos por ele expostos ao longo dessas duas obras permanecerão marcando presença nas décadas posteriores, influenciando, assim, no processo de construção da imagem glorificada de Artigas, bem como sua caracterização como *Precursor da Nacionalidade Uruguiaia*. Entretanto, como o próprio autor descreveu em sua obra *Artigas*, a reabilitação do *herói*, começada ao longo dos anos, ainda se caracterizava por ser um processo vagaroso. Tanto na Europa como na própria América ainda não se escutaria, suficientemente, a voz dos uruguaios. E denunciou: “*Nosotros mismos (...) tropezamos á veces con la complicidad interna de la fatal leyenda.*” (RAMÍREZ, 1915, p. 98)

## REFERÊNCIAS

- ABADIE, Washington Reyes. *Artigas y el federalismo en el Río de la Plata*. Historia uruguaya. Tomo II: 1810-1820. Montevideo: Ediciones de La Banda Oriental, 1991. 315 p.
- BERRA, Francisco A. *Bosquejo Histórico de la República Oriental del Uruguay*. 3. ed. Montevideo: s/e. 1881. 449 p.
- CAETANO, Gerardo. Identidad nacional e imaginario colectivo en Uruguay: la síntesis perdurable del Centenario. In: *Identidad uruguaya: ¿Mito, crisis o afirmación?* Montevideo: Ediciones Trilce, 1992. p. 75-96.
- GONZÁLEZ LAURINO, Carolina. *La construcción de la identidad uruguaya*. Montevideo: Ediciones Santillana, 2001. 277 p.
- ODDONE, Juan Antonio. *La historiografía uruguaya en el siglo XIX, apuntes para su estudio*. Montevideo: Revista Histórica de la Universidad, 1959. 80 p.
- PARÍS DE ODDONE, M. Blanca. Presencia de Artigas en la Revolución del Río de la Plata (1810-1820). In: *Nuevas miradas en torno al Artiguismo*. (coord) Ana Frega e Ariadna Islas. Montevideo: Departamento de Publicaciones de la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación de la Universidad de la República, 2001. p. 65-85.

PIVEL DEVOTO, Juan E.. *De la leyenda al culto artiguista*. Prólogo de Gonzalo Aguirre. Montevideo: Biblioteca Artigas, 2004. 274 p. (Colección de Clásicos uruguayos, vol. 171)

PIAZZA, Eduardo. Héroes y aedos en *La epopeya de Artigas de Zorrilla de San Martín*. In: *Nuevas miradas en torno al Artiguismo*.(coord) Ana Frega e Ariadna Islas. Montevideo: Departamento de Publicaciones de la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación de la Universidad de la República, 2001. p. 365-380.

RAMÍREZ, Carlos María. *Juicio Crítico del Bosquejo Histórico de la República Oriental del Uruguay por el Dr. D. Francisco A. Berra*. Buenos Aires: Imprenta del Porvenir, 1882. 106 p.

\_\_\_\_\_. *Artigas. Debate entre 'El Sud América' de Buenos Aires y 'La Razón' de Montevideo*. Montevideo: Librería Nacional A. Barreiro y Ramos, 1915. 327 p.

ROCCA, Pablo. Los destinos de la nación: el imaginario nacionalista en la escritura de Juan Zorrilla de San Martín, Eduardo Acevedo Díaz y su época. In: ACHUGAR, Hugo & Moraña, Mabel. *Uruguay: imaginarios culturales: desde las huellas indígenas a la modernidad*. Montevideo: Ediciones TRILCE, 2000. p. 241-257.

YAFFÉ, Jaime. La modernización en el Uruguay: política y economía. 1876-1933. In: *Histórias regionais do Cone Sul*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003. p. 323-340.

Recebido em 31 de agosto de 2009.  
Aprovado em 27 de outubro de 2009.